PRODUÇÃO DE CACHAÇA ARTESANAL, RELATOS DE UM ALAMBIQUE FAMILIAR EM SÃO JOÃO, MARIA DA FÉ/MG

Kellen Moreira da Fonseca (IC)[1], Carlos Alberto Máximo Pimenta (PQ)[1]
[1]*Universidade Federal de Itajubá, UNIFEI*

Palavras-chave: Cachaça artesanal. Desenvolvimento local. Regionalidade. Ruralidade. Sul de Minas Gerais.

Introdução

O resumo a seguir apresenta uma pesquisa de iniciação científica parte do projeto integrador "Regionalidades, Economia e Cultura: reflexões sobre o desenvolvimento do território do sul de Minas Gerais", denominada de "Produção de cachaça artesanal, relatos de um alambique familiar em São João, Maria da Fé/MG".

A pesquisa demonstrada teve como preocupação capturar elementos da cultura local que possam ser trabalhados em políticas culturais de geração de renda e emprego, no sentido de subsidiar políticas públicas de desenvolvimento local, especialmente nos processos artesanais de produção da cachaça. Portanto, este resumo trata de um estudo interdisciplinar que converge as áreas de ciências sociais, engenharias e políticas culturais para geração de renda, refletindo sobre meios de desenvolvimento no território do Sul Mineiro, fundamentado na ruralidade expressiva da região.

Nesta linha, buscou-se evidenciar os elementos que escapam dos planejamentos urbanos organizados dentro concepções vigentes, baseadas apenas no crescimento econômico, os quais podem englobar a regionalidade, a economia, a ruralidade e a cultura no desenvolvimento do território analisado, em especial na valorização dos saberes dos pequenos produtores de cachaça.

Essas afirmações, estão ligadas às questões globais de um sistema que historicamente impulsiona o rentismo, a competição, a exploração de territórios e de mão-de-obra, a industrialização desenfreada, a padronização cultural e a concentração de renda e produção (PIMENTA, 2014, p. 47 a 54). As sérias consequências e injustiças socioeconômicas e culturais são geradas por meio de um tipo de "progresso" onde não é dada a devida importância ao território, esse no sentido proposto por Milton Santos (1994), no qual o conceito abrange além de um espaço físico-administrativo, um local que engloba vivências, histórias, culturas, saberes, fazeres e toda e qualquer manifestação de sua existência.

Diante dos resultados apresentados pelos pesquisadores envolvidos no projeto integrador (PIMENTA, 2023, p. 5 a 24), os elementos que escapam dos planejamentos urbanos e das concepções hegemônicas do campo do desenvolvimento econômico regional, podem impulsionar outras "plataformas" de desenvolvimento à mesorregião do Sul de Minas Gerais que ultrapassem a ênfase do crescimento econômico, em especial a questão da produção artesanal de cachaça.

A cachaça, símbolo cultural brasileiro regulamentado e reconhecido como patrimônio dentro e fora do Brasil, pode ser um dos aspectos importantes para processos de geração de renda, considerando a importância das bebidas no cenário regional e das valorizações da comida e bebida mineira no país.

Em relação a fama e produção de cachaça artesanal, Minas Gerais é destaque na questão de quantidade e qualidade. As bebidas produzidas neste estado possuem uma característica única e altamente influenciada por tradições locais e regionais, com tecnologias próprias e diversas, como exemplo, equipamentos, ferramentas e processos produtivos singulares, além de possuir uma interligação com outros mecanismos agropecuários (PAIVA, BRITO, 2018, p. 702, 705 e 706).

Este trabalho se fez relevante diante do rastreamento de algumas apostas e caminhos não efetivados pelo poder público, mas entendido por pequenos empreendimentos, de ordem familiar e presentes na zona rural, que buscam enfrentar os dilemas do desenvolvimento. Em outros termos, o questionamento direciona-se aos olhares que identificam o potencial do território nas prospecções do desenvolvimento que incorporem o local e o sustentável.

No contexto, busca-se observar elementos que trazem, consigo, relações sustentadas, emprego, renda e dignidade às pessoas do lugar, especificamente nos municípios de pequeno porte, zona rural e comunidades

por meio de ações e atividades associativas, solidárias e cooperativas que, além da contribuição à valorização dos saberes, modos e estilos de vida e atividades estruturantes de geração de renda.

Desta forma, focou-se em valorizar um dos elementos que engloba a regionalidade, a economia, a ruralidade e a cultura no desenvolvimento do território Sul Mineiro, encontrado nos bairros e comunidades rurais: a produção artesanal de cachaça em um alambique familiar do bairro São João da Cristina, Maria da Fé/MG.

Metodologia

O percurso descrito a seguir foi desenvolvido pela equipe composta pelas alunas de graduação Kellen Moreira da Fonseca, Camille Vitoria Cutrim Gemaque e Isabela Barroso dos Santos, sob orientação de Carlos Alberto Máximo Pimenta. O percurso da pesquisa circunscreveu-se na realização de um conteúdo separado em três partes :

i) Uma planilha de dados com informações de todas as cidades do sul mineiras;

ii) a criação de mapas referentes a esse território;

iii) visita, entrevistas, reuniões e observações de campo.

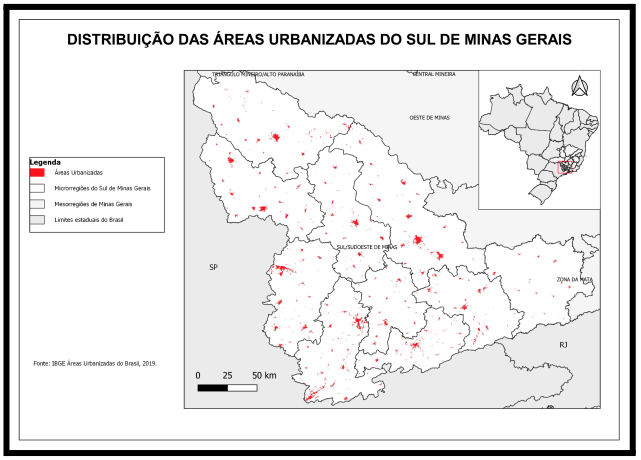
Inicialmente, houve a construção das fontes secundárias que justificam e motivam a pesquisa, utilizando majoritariamente as informações disponibilizadas pelo IBGE Cidades com dados do censo de 2022. Pelas dificuldades e falta de conhecimento da utilização de softwares e aplicativos de planilhas eletrônicas (Excel e Google Sheets) cada dado foi adquirido manualmente pelo site do IBGE, ou seja, cada informação foi copiada e colada separadamente em uma planilha eletrônica, o que gerou um processo mais trabalhoso de coleta, organização e formatação das informações. Os mapas foram feitos a partir da planilha desenvolvida pela equipe, por meio do software QGIS. Posteriormente à coleta de dados e feitura dos mapas, a equipe focou no trabalho de investigar fontes primárias, em busca de contatos para a etapa de campo, procurando lugares, comunidades e indivíduos para entrevista, observação e análise. Por opção do grupo, decidiu-se focar no ramo da produção de cachaça artesanal, em específico das cidades e bairros próximos de Itajubá, ampliando contato e aproximando a universidade com os produtores e sua clientela.

Resultados e discussão

A partir dos dados coletados e dos mapas produzidos, foi possível propor uma espécie de "raio-x geográfico" do Sul de Minas Gerais, da microrregião de Itajubá, do município de Maria da Fé e do bairro São João da Cristina.

Essa contextualização se baseia em índices e indicadores estatísticos do território, questões geofísicas, observações de campo e análises de entrevistas. Abaixo na Figura 1, é demonstrado um dos mapas produzido pela equipe de pesquisa e que desenha a realidade rural do Sul de Minas Gerais, pois nos resultados das pesquisas aproximadamente 1,31% do território Sul Mineiro é urbanizado, o que equivale a 643,1 km^2 de extensão urbana, enquanto 48.585,75 km^2 é de extensão rural.

Figura 1: Mapa da Mancha Urbana do Sul de Minas.



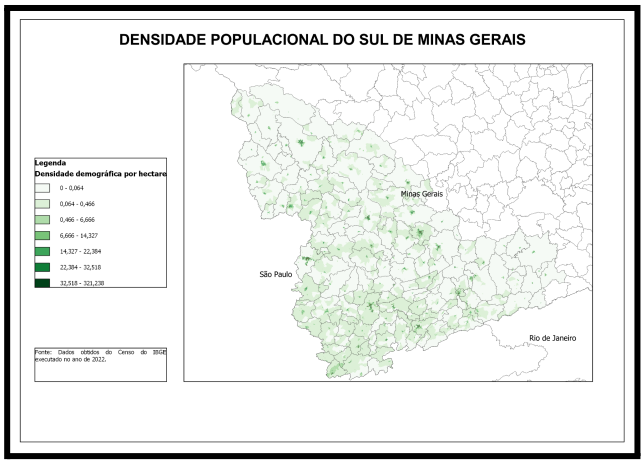
Fonte: Produzido pelo grupo NEID, 2024.

Além disso, a equipe também organizou um mapa de densidade populacional do Sul de Minas, demonstrado abaixo na Figura 2, onde fica visível a presença da população rural, principalmente na porção sul/sudoeste dessa mesorregião. Salienta-se que apesar dos centros urbanos possuírem altas concentrações populacionais, estão limitados à uma pequena quantidade de área urbanizada, enquanto na zona rural essa densidade se dilui devido ao tamanho do território.

Devido à ruralidade expressiva, o Sul de Minas tem uma expressão ímpar sob o ponto de vista cultural, ao demonstrar as características regionais da culinária, festividades, saberes e fazeres, inclusive relacionados à produção de comidas e bebidas, como a cachaça. Dentro das entrevistas feitas ao longo dessa pesquisa, uma em especial é especificada e analisada com mais detalhes, a de um alambique familiar no bairro São João da

Cristina, em Maria da Fé/MG.

Figura 2: Mapa de Densidade Populacional Sul Mineira.



Fonte: Produzido pelo grupo NEID, 2024.

A receita da família é fruto dos vários processos empíricos perpassados por gerações, mesmo seguindo leis e normas estipuladas, pois a destilação feita pelo engenho segue um processo usual. Os entrevistados, citados anteriormente, comentaram das várias tentativas de seus antepassados para produzir cachaça, até chegarem a uma receita final. Esse percurso de erros e acertos culminaram em uma cachaça artesanal própria de gosto e cheiro doce. O saber-fazer torna a bebida da família Silva um produto artesanal de originalidade singular, sem o enrijecimento e padronizações utilizadas pelas grandes indústrias (PAIVA e BRITO, 2018, p. 706 a 710) .

Uma situação interessante comentada é o fato da família trabalhar atualmente na informalidade, não rotulando ou possuindo marca própria para venda de seu produto. Diferente de décadas atrás, o engenho produz atualmente pouca cachaça. No ano passado, foram destilados e obtidos cerca de 50 L da bebida, uma quantidade menor que o alambique tem capacidade de produzir. A venda ao passar dos anos ficou cada vez mais fraca e, desde uma consulta com um contador, os entrevistados resolveram não vender mais a bebida de forma regularizada, incluindo também outros dois motivos: o primeiro, por possuírem outras firmas abertas e o segundo, pelas altas taxações.

Seguindo a leitura de Paiva e Brito (2018), a criação de um sistema de produção de cachaça industrial, por onde novas tecnologias e meios de produção são detidas por grandes empresas, aumentou a tributação e fiscalização dos engenhos produtores desse destilado, o que ocasionou um processo de escanteamento dos pequenos produtores de cachaça artesanal em relação ao mercado. Devido a isso, muitos produtores, incluindo Júlio e sua família, se veem obrigados a trabalhar na informalidade, sem capacidade de competir com essas empresas.

Na informalidade, a família vende pouco pela região, expondo seu produto em um posto de gasolina próprio na saída de Itajubá e a granel para um conhecido em São Lourenço/MG, que possui CNPJ aberto e revende a bebida em outra microrregião.

Dentro da situação exposta, a iniciativa do projeto integrador é válida como forma de impulsionar meios de desenvolvimento aos produtores de cachaça artesanal nas regiões rurais do Sul de Minas Gerais. Se trabalhado em conjunto com a Universidade, os saberes e fazeres, como os da família analisada e de tantas outras que também produzem, podem ser valorizados e agregar processos que gerem renda e promovam emancipações e dignidade aos indivíduos e nas comunidades ao qual pertencem.

Conclusões

A proposição desta iniciação foi a de contribuição e adensamento das discussões que já formaram o entendimento da realidade socioeconômica e sociocultural do Sul de Minas Gerais, em termos de desenvolvimento local e regional, considerando a expectativa de novas formas de geração de renda, em que se valoriza a dignidade das pessoas do lugar, seus saberes e histórias.

Buscou-se, tendo como norte o projeto integrador, a realização de uma proposta de iniciação científica que combinasse a Engenharia de Bioprocessos com as Ciências Sociais, tendo como ponte a leitura da produção de cachaça artesanal, a partir de relatos de pessoas envolvidas no fazer de um alambique familiar, este localizado no bairro São João de Cristina, em Maria da Fé/MG.

Na leitura do processo artesanal de produção da bebida, foi possível levantar um conjunto de elementos presentes nos saberes da produção, os quais compõem aspectos da cultura local. Este movimento produtivo, na medida que for ganhando força, tem potencial para promover políticas de geração de renda e emprego, desde que os agentes de desenvolvimento local entendam a potência da cultura como um elemento central.

A justificativa proposta na introdução permitiu trazer para a discussão a importância de levantamento dos elementos que não são valorizados quando se propõe planejamentos urbanos, econômicos, geração de

emprego e políticas de cultura para o desenvolvimento local. Dentro desse escopo, há um espaço significativo para superar concepções aprisionadas na lógica do crescimento econômico.

Por sua vez, dentro do objetivo de identificar elementos que englobam a regionalidade, a economia, a ruralidade e a cultura no desenvolvimento do território Sul Mineiro, esta iniciação científica demonstra, dentro do bairro rural de São João de Cristina, em Maria da Fé, que os elementos do território podem produzir um efeito de geração de renda que alavanque desenvolvimento com preservação ambiental, dignidade social e outras formas de economia que não passem pela venda de força de trabalho para terceiros.

O fato da família analisada trabalhar atualmente não possuindo CNPJ para venda de seu produto artesanal demonstra o processo de escanteamento dos pequenos produtores, que se veem obrigados a produzir pouco e na informalidade devido a lógica hegemônica. Resultado da criação de um sistema de produção de cachaça industrial, a venda das bebidas artesanais é pequena, a quantidade de tributação é alta e a competição no mercado com os produtos industrializados é difícil. Essa questão abre espaço para as discussões citadas anteriormente, pois há possibilidades distintas de desenvolvimento e de políticas públicas que possam promover renda digna a partir do conhecimento e saberes das famílias produtoras de cachaça.

Em suma, obteve-se uma leitura sobre o que vem a ser o território do Sul de Minas Gerais, por onde identificou, durante as análises e no campo de pesquisa, as questões do território e os elementos culturais potentes para o desenvolvimento local nesse ambiente ruralizado. Há um espaço importante no entremeio do rural e do urbano que precisa ser explorado para fins de processos populares de geração de renda, tendo a produção familiar de cachaça artesanal um papel relevante neste processo.

Agradecimentos

Agradeço a UNIFEI e ao CNPq pela oportunidade e financiamento que permitiu o desenvolvimento dessa pesquisa.

Referências

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. IBGE Cidades. Censo Demográfico de 2022. IBGE Cidades. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br. Acesso em 19/09/2024.

PAIVA A. L.; BRITO M. J. A Configuração das Lógicas Institucionais do Campo da Cachaça de Alambique em Minas Gerais. *Revista de Economia e Sociologia Rural RESR*. Piracicaba-SP, vol. 56, n. 04, p. 701-718, Out./Dez. 2018

PIMENTA, C. A. M. REGIONALIDADES, ECONOMIA E CULTURA: Reflexões sobre o desenvolvimento do território do Sul de Minas Gerais. Projeto de pesquisa. UNIFEI. Itajubá, 2023.

PIMENTA, C. A. M. Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 10, p. 44-66, 2014.

SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo: Globalização e Meio Técnico–Científico Informacional, Editora Hucitec, São Paulo, 1994.